

Na masseira da Terra, nesses instantes, Deus busca modelar as carnes e os cérebros, atirar essa pasta no turbilhão inexorável e dar-lhe Sua própria imagem.

O dissabor não o constrange, Ele não se desespera em nossas entranhas de argila; antes, trabalha, avança, devora as carnes, agarra-se ao ventre, ao coração, ao sexo, ao cérebro do homem.

Ele não é um pai de família bom e justo. Não reparte o pão e o espírito com igualdade entre os Seus filhos. A injustiça, a dureza, a cólera e a fome são as quatro bestas que puxam Seu carro sobre a terra pedregosa.

Jamais se pode criar Deus na felicidade, no conforto ou na glória, mas antes na vergonha, na fome e nas lágrimas.

Em todas as épocas decisivas, alguns homens se arriscaram adiante, condutores de Deus, e combateram assumindo todas as responsabilidades do combate.

Houve os reis e os sacerdotes, os senhores e os burgueses; criaram civilizações e libertaram a divindade.

Hoje, Deus é um operário que trabalha na fadiga, na cólera e na fome. Cheira a tabaco, a vinho e a suor. Pragueja, tem fome, gera filhos, já não conhece o repouso da noite, e grita nas mansardas e nos subsolos da terra.

O ar modificou-se, aspiramos uma primavera sufocante e a brisa está carregada de sementes. Há clamores que se elevam. Quem é este que grita? "Somos nós, os homens, que gritamos; somos os vivos, somos os mortos, somos aqueles que não nasceram." Aterrorizados, calamo-nos em seguida.

Por preguiça, por hábito, por covardia, esquecemos. Mas, qual uma águia, o grito nos estraçalha novamente o peito.

Não vem de fora, não vem de longe, e não podemos escapar a ele: está em nosso coração.